

Caro Denni,

escrevo uma carta para você pois penso que ela demanda, em certa medida, estabelecer uma relação de afeto. E também penso que gestar um texto, entregá-lo a esse mundão e compartilhá-lo com alguém também demanda, em certa medida, uma relação de afeto. E afeto é uma palavra que por vezes me soa bastante desgastada, como se fosse só algo positivo, algo até banal, não acha? Mas afinal, nos afetamos a todo momento, a cada abobrinha ou doçura que ouvimos, a cada notícia que lemos, a cada conversa, a cada sentimento... nossa memória é completamente afetada, seja isso da ordem mais positiva ou negativa – embora os maniqueísmos não sejam bem lá o nosso ponto final, né?

confesso: estou agoniado. Como quando assisti àquela cena de “Faça a coisa certa” de Spike Lee, aquela mesma quando os policiais matam o homem negro, fazendo com que a comunidade se una contra a pizzaria e contra a violência policial; como quando eu preciso contar algo a alguém mas não sei ao certo como a pessoa vai reagir, o que ela vai me dizer, se vai entender ou não; como quando eu era criança e os silêncios e as violências me eram mais amigas que os meninos (principalmente os valentões, que eram os mais bonitos na minha opinião); como quando preciso, precisamos agir, mas quase nunca sabemos por onde começar.

a agonia mobiliza e seu texto me mobiliza, pondo meu corpo preto e bicha em movimento. Um movimento de regresso ao

passado (inevitavelmente à minha infância dissidente, penso que a sua também) e de um olhar atento ao presente (muito embora hoje a gente se indague: o que seria o tempo? quantos dias passaram desde então? horas? séculos? segundos?). Talvez o tempo da água dominar tudo, alagando uma cidade inteira, deixando-a quase submersa, apartando assim lugares e vidas (que talvez já fossem separadas implicitamente). Tudo isso me faz pensar na espiral inacabável da violência, da violência enquanto uma linguagem naturalizada e legitimada, principalmente em relação à existências ditas erradas, abomináveis, inferiores. E de tanto apanhar, de tanto sofrer, como deslegitimar um rompante de violência contra tudo isso que foi criado para nos matar? Lembro de Jota Mombaça: é possível pensar numa redistribuição da violência.

mas o que faz um homem ser um homem é isso, então? É ser e agir como um "animal"? É ter a violência impregnada na minha pele? É gestar o caos? É só cansar quando o sangue começar a escorrer?

pois eu não sou um homem. nunca fui. tampouco quero um dia ser.

nesse ponto da escrita tento lembrar algumas das imagens que você nos trazem seu texto, pulsando-as na tentativa de decifrá-las. Miro o restaurante de beira de estrada comandado pela Garçonete como uma zona de passagem, quase que como uma encruzilhada, onde tudo está em trânsito e em relação; é apenas momentâneo, o cruzo, mas brilhantemente significativo, decisivo. Um lugar que abriga o descanso, o reencontro, o segredo, mas também a morte, a partida, a continuidade. Há tanta memória e passado nas suas personagens, como se o que estivesse acontecendo no agora

dramático não fosse lá acereja do bolo, mas sim o que ficou por ser dito, por ser vivido, por ser compartilhado. Torci para que Tito e Juan pudessem ir embora, escapassem do passado que os atormentou até ali. Mas acabei aceitando que não havia outra solução possível para aqueles personagens, o fluxo do rio precisa continuar e a correnteza não deixa nada de pé.

por fim, celebro sua escrita e sua dramaturgia, uma dramaturgia de silêncios, memórias, traumas e que demanda a escuta - tanto das suas personagens, quanto da própria dimensão poética que você nos brinda. Agradeço pela oportunidade de navegar no seu texto (e já anseio por mais!). Abraços,

Carlos Canarin.

Este texto é uma das ações de conclusão do projeto *Brasis por escrever*, uma realização do **Platô – Pesquisa e Produção**, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

Agradecemos ao leitor Carlos Canarin pelas palavras escritas após a leitura da dramaturgia *CRIANÇA LOUCA* ou *Agulhas na boca* do autor Denni Sales.

